

CRISE DE SENTIDO

O Sumo Pontífice João Paulo II asseverou em sua Carta Encíclica FIDES ET RATIO (Sobre as Relações entre Fé e Razão) que “a nossa época foi definida por certos pensadores como a época da ‘pós-modernidade’”. E considera que este termo “designa a aparição de um conjunto de factores¹ novos, que, pela sua extensão e eficácia, se revelaram capazes de determinar mudanças significativas e duradouras”. Após destacar algumas possíveis ambiguidades do termo, considera que

uma coisa, todavia, é certa: as correntes de pensamento que fazem referência à pós-modernidade merecem adequada atenção. Segundo algumas delas, de facto, o tempo das certezas teria irremediavelmente passado, o homem deveria finalmente aprender a viver num horizonte de ausência total de sentido, sob o signo do provisório e do efémero. Muitos autores, na sua crítica demolidora de toda a certeza e ignorando as devidas distinções, contestam inclusivamente as certezas da fé.²

O autor, em realidade, coloca-nos diante de questões enfrentadas pelo sujeito da pós-modernidade, resultando numa crise de sentido.

Liotard (2004) revela em seu estudo da “condição pós-moderna” o propósito da pós-modernidade: “incredulidade com relação às metanarrativas”. E, para tanto, precisaria negar o passado. Neste sentido, as certezas, as referências, as grandes respostas são colocadas em xeque no mundo contemporâneo. Conceitos éticos como *certo* e *errado* também adquirem status de categorias relativas. As categorias que antes conferiam segurança, propósito e sentido ao homem, são abaladas em sua estrutura. Portanto, os grandes esquemas explicativos caíram em descrédito por não existirem mais “garantias”, considerando que a ciência moderna já não apresenta condições de ser considerada como a legítima e única fonte da verdade. Disto resultará uma crise de sentido, a expressar-se por uma sensação de insegurança generalizada, a qual não raro evolui para a sensação de vazio.

Esta crise de sentido também parece estar associada aos valores adotados por uma sociedade que se encontra em vias de fragmentação, caracterizada por acreditar nas promessas de uma felicidade sem tensões, na busca insaciável pelo prazer, que fomenta a cultura do descartável e exalta o papel do consumo (cf. Harvey, 1992; Libânio, 2004).

Como fruto também da secularização característica da pós-modernidade, percebe-se um certo esvaziamento de sentido, porquanto estabeleceu-se uma visão de mundo e de sociedade que exclui os símbolos, impregnando de imagens nossa leitura do mundo.

¹ Foi preservada a tradução original do site do Vaticano, em português de Portugal.

² Item 91 da Carta Encíclica citada.

Palácio (2004) faz uma análise da situação atual de crise da cultura ocidental a partir de duas grandes transformações que caracterizam o momento presente: uma mutação cultural de dimensões mundiais e uma mutação religiosa de proporções nunca dantes conhecidas.

Com relação à mutação cultural, refere-se o autor a uma “mudança radical na sua ‘cosmovisão’ (i.é. na sua autocompreensão da existência, na sua concepção da vida e da história humanas) que está inseparavelmente relacionada com uma maneira nova de relacionar-se com a transcendência” (p. 175).

Em seguida, Palacio destaca “a rapidez vertiginosa com a qual em pouco mais de três décadas modificaram-se, na sociedade ocidental, instituições, hábitos, costumes, valores etc”, caracterizando o perfil da nova cultura em gestação. E assinala que a característica mais evidente talvez seja “a crise generalizada de valores com o vazio de sentido por ela gerado, que afeta não só os indivíduos, mas a sociedade como um todo”.

Nas palavras do autor:

Não é por acaso que as questões mais fundamentais do ser humano (o por que e o para que da existência, o destino do ser humano, o valor da pessoa etc.) voltam a ser colocadas com toda a sua força. E são discutidos com renovado interesse velhos problemas filosóficos como a questão da verdade, a ética, a transcendência etc. Indício evidente de que o que está em jogo é a visão do mundo como um todo, o modo de entender a vida humana, a história, a sociedade, o cosmo (p. 175-176).

Palacio aponta uma raiz fundamental da crise de sentido na pós-modernidade quando se refere à “crise da própria razão moderna e o ocaso das ideologias por ela segregadas: o fracasso do que se poderia denominar ‘projeto da modernidade’ (com as suas promessas de uma sociedade do bem-estar e de riqueza sem limites), o desencanto com as suas ‘conquistas’ e a conseqüente crítica dos seus pressupostos” (p. 176).

Em verdade, a ciência e a técnica (versões dominantes da ‘razão moderna’) não conseguem oferecer ao homem razões para viver, “decifrar-lhe o sentido da vida e a unidade da sua existência”. Completa o autor: “Ora, sem unidade e sentido o ser humano não pode viver. Essas contradições explodiram de maneira patente com a globalização da economia” (Palacio, 2004, p. 176).

O conhecido fenômeno do ‘retorno do religioso’ ou ‘revanche do sagrado’ apresenta-se na pós-modernidade “inseparável da crise de sentido na qual mergulhou a sociedade ocidental”, conforme explica Palacio (2004, p. 178).

Deste modo, é possível dizer que esta efervescência religiosa na pós-modernidade parece revelar-nos um homem “sufocado pela in-transcendência da vida e cansado já dos seus projetos de auto-salvação”, vislumbrando nessa “redescoberta do religioso uma porta para sair de si, para

transcender-se, na busca de respostas para as suas necessidades subjetivas: as questões fundamentais da vida, da morte, do sentido e do amor” (Palacio, 2004, p. 179).

Todavia, é preciso assinalar – e isto representa um dos desafios para o Cristianismo na atualidade – que “o retorno do religioso não equivale necessariamente a reencontro com Deus” (Palacio, 2004, p. 179).

Neste sentido, é preciso compreender que não se trata, em verdade, de um *retorno*, porquanto, em função do processo de secularização, “a experiência religiosa na sociedade contemporânea se faz de forma autônoma e, embora referenciadas às tradições das instituições religiosas, apresenta-se de forma fragmentada e não exatamente fiel a elas” (Portella, 2008, p. 149).

Libânio (2004) ressalta no cenário da pós-modernidade o enfraquecimento da “Verdade que permite existirem verdades antes que a Verdade”, o que leva à “rejeição dos valores, os princípios absolutos e universais” (p. 114). Destaca: “Há uma desconfiança da capacidade racional do ser humano para atingir realmente a verdade na sua objetividade, ficando entregue à subjetividade dos indivíduos” (p. 114). Esse relativismo, esse caráter efêmero das coisas, já apontado pelo Papa João Paulo II, compromete o sentido. E, na mesma linha, também a aceitação do fragmentário, do descontínuo e do caótico (cf. Harvey, 1992).

Quando o niilismo atinge a questão do sentido, afirma Libânio (2004), “fragmenta-o em pequenos sentidos passageiros, frágeis e provisórios que vão sustentando a vida, carente de um sentido maior para toda ela” (p. 115).

Em se referindo ao jovem pós-moderno e às decorrentes dificuldades enfrentadas pela Pastoral da Juventude, Libânio (2004) afirma que aquele que nela atua “defronta-se com um jovem carente de sentido, atormentado pelo niilismo”. E considera como tarefa mais importante no trabalho com este jovem “levá-lo a ir além dos pequenos sentidos fragmentados para alcançar um sentido maior que lhe envolva toda a existência” (p. 118).

Considerando-se, portanto, o descrédito que se verifica com relação aos sistemas globais de sentido que alcança redutos dos mais sagrados (ideologias intocáveis, mundividências respeitadas, religiões tradicionais), compreende-se que “falta (...) ao indivíduo moderno um mapa de valores que o guie através da vida e que lhe permita estruturar sua personalidade”, tendo em vista que

a ausência de uma adesão a uma fonte global de sentido deixa-o frágil, oco, sem convicções, levando-o a buscar em tudo sua própria satisfação; com isso as balizas éticas são tornadas inócuas, observa-se apenas a lei de levar vantagem em tudo e tende-se a reconhecer certa legitimidade social ao hedonismo reinante (Miranda, 1989, p. 337).

Diante desta e muitas outras dificuldades enfrentadas na ação cristã, como também nas distintas práxis religiosas contemporâneas, – num mundo em crise de transformação – cabe perguntar pela existência de caminhos para se lidar com todo esse quadro da pós-modernidade.

Guardando a devida complexidade da questão, é possível encontrar um caminho no exercício das experiências de Deus, que “plenificam e dão o sentido último à vida do homem”, conforme diz o Padre Henrique de Lima Vaz (*apud* Miranda, 1989, p. 344).

E destacando a necessidade da experiência de Deus no atual contexto, Miranda (1989) afirma que a fé do cristão (o autor fala, neste particular, do católico) “deverá fundamentar-se no próprio Deus, experimentado no interior desta mesma fé, ou com outras palavras, deverá basear-se numa experiência pessoal de Deus”. O autor considera que “é neste sentido que Karl Rahner afirma que o cristão de amanhã ou será um ‘místico’, ou simplesmente não será mais cristão” (p. 342).

* * *

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006 (original de 1992).

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

LIBÂNIO, J. P. **Jovens em tempo de pós-modernidade: considerações socioculturais e pastorais**. São Paulo: Loyola, 2004.

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

MIRANDA, Mário de França. Ser cristão numa sociedade pluralista. **Perspectiva Teológica**, 21, 1989, 333-349.

PALACIO, Carlos. O cristianismo na América Latina: discernir o presente para preparar o futuro. **Perspectiva Teológica**, 36, 2004, 173-196.

PORTELLA, Rodrigo. **Religião, secularização e (pós-)modernidade: sobre sensibilidades religiosas contemporâneas**. In: MAGALHÃES, Antonio. Expressões do sagrado: reflexões sobre o fenômeno religioso. São Paulo, Aparecida: Editora Santuário, 2008.